

Animatógrafo

N.º 70 (3.ª SÉRIE) — LISBOA, 10 DE MARÇO DE 1942 — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — PUBLICA-SE ÀS TERÇAS-FEIRAS — PREÇO: 50 CTVS.

O ENSINO DO CINEMA

Num eco aparecido há dias no «Diário de Lisboa», e em que se citavam dois períodos do belo artigo de Silva Brandão que publicámos no último número, formula-se esta momentosa pergunta:

— Quando se fundará, em Portugal, um curso de cinegrafia?

A pergunta é oportuna e merece resposta, tanto mais que logo em seguida se sugere o aproveitamento da tão falada e sempre possível reforma do Conservatório Nacional de Música e da Escola de Arte de Representar, para a inclusão de algumas cadeiras em que se leccionasse cinema aos alunos.

Há que dizer, no entanto, que o ensino da arte cinematográfica não pode dizer-se por vias estritamente pedagógicas e que em todos os países onde ela atingiu verdadeira importância e alto nível, técnico e artístico, não existe propriamente qualquer curso de cinegrafia.

A verdadeira, a única escola de cinema — é o estúdio, é o trabalho activo, em conjunto, onde os neófitos aprendem com os mais experientes os pequenos e grandes segredos da arte sedutora. E é também a sala de cinema, onde a visão atenta e esclarecida dos filmes ensina mais «aos que sabem ver» que todas as preleções ministradas «ex cathedra».

A aprendizagem cinematográfica pode fazer-se com proveito como se fazia a aprendizagem das belas artes nos mosteiros medievais e nas oficinas do «quatrocentos». Arte de artistas e de artifices, em nenhuma outra se pode conservar melhor a hierarquia corporativa e tradicional do mestre, oficial e aprendiz — aprendiz que será oficial e que poderá chegar a mestre, se para isso tiver mestria.

Na América, salvo institutos puramente especulativos, donde nunca saíu ninguém que se conheça, não existe qualquer curso de cine-

ma, e não se lhe nota a falta; nem na Alemanha, nem na Itália nem em França, países onde o cinema já atingiu a maioridade, nem em Espanha, onde revela já a mais prometedora adolescência. Porque haveria então de existir um curso de cinema em Portugal?

Não quer isto dizer que determinadas funções técnicas e artísticas — operadores de som, compositores, decoradores, maquilhadores, e até mesmo intérpretes, além de outros — não pudessem receber nas escolas por onde passassem algumas luzes especiais, particularmente relacionadas com a prestação eventual dos seus préstimos ao cinema, se para aí pendesse a sua vocação. Isso, sim, seria útil, pelo interesse que provocaria nos alunos por tão importante e apaixonante actividade. Que se ensinasse acústica cinematográfica e registo de som aos futuros engenheiros ou agentes técnicos, no Instituto Superior Técnico e nas escolas industriais; as particularidades da decoração e da iluminação cinematográfica, e até fotografia, aos alunos de pintura e de arquitectura da Escola de Belas Artes; que o programa da Escola de Arte de Representar previasse lições especiais sobre caracterização e interpretação cinematográfica, em vez de se confinar exclusivamente ao teatro; que o curso de composição do conservatório abrangesse noções de adaptação musical de filmes (o que daria até excelentes exercícios e exames); que na própria Faculdade de Letras se ensinassem nas regras fundamentais da exposição e dialogação cinematográfica — tudo isso estaria muito bem e seria mesmo muito útil.

Mas reunir sob um título pomposo a mixorunfada de todas essas especializações, parece-nos pretencioso e contra-producente.

(Conclui na 5.ª página)

UM GRANDE INQUÉRITO DO «ANIMATOGRÁFO»

«A' continuidade da invasão temos de opôr a continuidade do contra-veneno, isto é, do cinema nacional»

Diz-nos o Professor Agostinho de Campos

Desde a primeira hora, incluímos o Professor Agostinho de Campos entre as personalidades a ouvir para o nosso inquérito. A primeira vista, poderia parecer dispensável interrogá-lo, visto se ter pronunciado espontaneamente, há alguns meses — «como verdadeiro moralista, sempre atento a caudescópica fisionomia do Mundo, aos problemas da actualidade, aos passos e desvios da vida nacional».

«Animatógrafo registou e aplaudiu, comentou e agradeceu então, as palavras com que o Prof. Agostinho de Campos veio apoiar, talvez involuntariamente, as ideias por nós defendidas. Mas isso, em vez de nos dispensar de ouvir agora a sua autorizada opinião, constituiu mais uma razão para recolhernos para o nosso inquérito o seu depoimento».

O Doutor Agostinho de Campos conquistou entre a fina-flor do pensamento português — uma tal posição de proeminência incontestável, na sua modesta carreira de pedagogo e de escritor, que de há muito a sua voz é das que mais interessa escutar, seja qual for o assunto sobre que se pronuncie. A sua inteligência, ao seu saber, à sua experiência, aliam-se a permanente e viva preocupação do bem comum, o mais animado e estimulante sentido de portuguêsismo, e o mais claro, lúcido e sadio bom senso — esse bom senso precioso, tão raro neste país doidivanas, como raro é, aliás, em todo o vasto e extravagante Mundo.

Dirigimo-nos ao Prof. Agostinho de Campos sabíamos pois que não fazíamos mais do que cumprir um dever. Tínhamos a estrita obrigação de o ouvir ainda que não tivesse escrito aquele artigo a que acima nos referimos — «o cinema invasor». Seria portanto plenamente indiscutível esquecê-lo nesta ocasião, uma vez que mostrara já quanto o problema de que trata o

nosso inquérito o interessava e preocupava.

Disse-nos o Professor Agostinho de Campos:

— Não posso deixar de aplaudir todos os esforços que se façam a favor do Cinema Nacional. O cinema estrangeiro — porque é cinema e porque é estrangeiro — e à parte uma ou outra excepção que só confirma a regra, deseduca e desnacionaliza. Deseduca e desnacionaliza porque, como escrevi no «Comércio do Porto», nas fitas estrangeiras, e especialmente nas americanas, «não perpassa nem vislumbre do nosso carácter nacional, nem relâmpago da nossa história, nem calor do nosso patriotismo, nem sópô da nossa alma colectiva, nem acôrdo com a nossa religiosidade». Por seu intermédio «já temos o espírito maleável da infância e da juventude portuguesa, e a alma ingénua das nossas multidões populares — alimentados ou sobre-alimentados por um romanesco de baixa categoria mental e sentimental, coisas fabricadas a mil léguas de nós por gente que nem nos ama nem sequer nos conhece, gente internacional e em regra sem pátria, dominada pelo exclusivo afã de sorver e engolir dinheiro, e de viver, como mandava o primeiro grande Elias, «da substância das nações».

Uma vez ou outra acontece que



Professor Agostinho de Campos

a exploração sectária é tão descabida, tão evidente o «tendencioso» dos fabricantes e exploradores, que o Governo tem de intervir para lançar o interdito sobre o que agentes seus já consentiam que se exhibisse. Mas o mal é contínuo e endêmico, não se cura com um ou outro espirar tardio e raro.

À continuidade da invasão temos de opôr a continuidade do contra-veneno, isto é, do cinema nacional — já que não haveria maneira de combater o cinema desnacionalizador senão com cinema nacionalizador. Mas para isso é preciso que o cinema nacional seja bem português e que eduque — ou pelo menos não deseduque.

A resposta não podia ser mais útil da sobre o primeiro ponto do nosso inquérito, ou seja sobre a necessidade e oportunidade de um cinema português. Mas eis-nos chegados agora a outra questão, derivada da primeira — ou melhor, derivada da resposta afirmativa à primeira questão: Como deve e que deve ser o Cinema Nacional?

— Toda a obra de educação é sempre muito difícil, e particularmente difícil será por meio de um cinema português, visto que o cinema é coisa cara, difícil portanto de viver e desenvolver em nações «proletárias» como a nossa. Por certo será árduo e complicado lutar em condições que interessem, do ponto de vista nacionalizador e educador, contra os estrangeiros, «que tem ao seu alcance a riqueza que vem do número, o oiro que de todo o Mundo lhes cai nas algibeiras e os maquinismos que tudo podem — menos elevar, nobilitar as almas».

Dizem-me que em Portugal há só 200 cinemas, o que torna difícil a vida do cinema nacional pela restrição compensação que encontra no mercado. Se isso é penoso, pelas dificuldades que cria às fitas portuguesas, não posso deixar de sentir satisfação por saber que, pelo mes-

(Conclui na 2.ª página)



O Sr. Embaixador de Espanha, D. Nicolas Franco e sua esposa assistem à exibição de «RAZA»

Na tarde da passada sexta-feira, na sala do S. Luiz, perante numerosa e escassa assistência apresentou-se «Raza», filme espanhol de excepcional envergadura. O Sr. Embaixador de Espanha, D. Nicolas Franco, de quem o nosso camarada Dias Amado foi director de produção e de que, repetidas vezes, falamos, nas colunas «Animatógrafo».

Para a gente portuguesa em geral, e mais em particular para o Cinema português, a visão de «Raza», constitui acontecimento sensacional. Muitos motivos se atribuíram para que assim fosse. «Raza», antes de mais nada, uma produção do cinema da nação irmã, um filme do ci-

nema espanhol novo, do cinema espanhol que será amanhã uma das pedras do Cinema Latino, onde o Cinema português sobre todos os obstáculos há de ter, também o seu lugar. «Raza» é um filme que moral, sentimentalmente cai certo no ambiente português, na vontade e no coração dos portugueses e tudo isto já sobrava para que aocorressemos na sexta-feira ao S. Luiz com o interesse e o nervosismo dumna estreia de fita portuguesa, com o mesmo entusiasmo e os mesmos desejos com que vamos para a apresentação dum novo trabalho dos nossos estúdios.

A sessão assistiram Sua Ex.ª o Sr. Mi-

“RAZA”

grande filme nacionalista espanhol

foi projectado numa sessão especial que se realizou no S. Luiz

nistro das Finanças e Presidente da Junta Central da Legião e os Srs. Embaixadores de Espanha, do Brasil e de Inglaterra e os Srs. Ministros da Alemanha e de França e o Sr. General Casimiro Tellez, Comandante Geral da Legião. Assistiu Dias Amado que trouxe a fita para Portugal. Estavam mais convidados do Embaixador de Espanha, de Dias Amado e do cinema S. Luiz que enchem completamente a sala da Rua António Maria Cardoso, formando um público de grande acontencimento — o público certo para uma primeira exibição de «Raza».

Todos os espectadores foram agradavelmente surpreendidos com o passagem dum documento valiosíssimo para a História das nações peninsulares, nada menos que algumas imagens do Encontro de Sevilha, filmadas pela Fox-Movietone, que ofereceu ao Secretariado da Propaganda Nacional uma cópia desta importantíssima actualidade. Franco e Salazar foram largamente vitoriosos com duas das maiores ocasiões que a sala gloriosa do S. Luiz tem ouvido.

Depois, começou a projecção de «Raza». A apreciação do muito que vale e do muito que representa este filme fá-la o nosso crítico. Diga-se aqui, apenas, que «Raza» agarrou da primeira à última imagem todos os espectadores do S. Luiz, com a sua

história vigorosa, séria, com o seu magnífico desempenho técnico e artístico. As palmas que frequentemente cortaram a exibição de «Raza» foram a expressão veemente e calorosa do entusiasmo luso-espanhol, pela vigorosa e alta doutrina do filme. As palmas dos cineastas portugueses que assistiam foram, também, as palmas à perfeição dum obra, e aos progressos que representa, ao nível técnico que o Cinema espanhol revelou ter atingido, como resultado do seu esforço intenso e da sua contínua e já brilhante actividade.

A crítica do filme

Não podia ser mais agradável a impressão que senti ao ver «Raza» nem mais lição a ideia que me deixou sobre o jovem mas já adulto cinema espanhol, recriado sobre as ruínas da guerra terminada há menos de três anos, graças à esclarecida visão do Governo de Franco. «Raza», produzido debaixo do patrocínio do Consejo de la Hispanidad, é uma admirável obra de cinema, por muitos aspectos, e uma enorme e vibrante afirmação de espanholismo, desde a fonte de amargura que brotou da derrota de Cuba

(Conclui na 2.ª página)

Palavras oportunas

Mais uma vez o sr. dr. Joaquim Manso, ilustre director do «Diário de Lisboa», distingue o nosso jornal e o Cinema Português na primeira página do seu famoso vespertino...

Vamos trancrevê-lo na íntegra, com a devida vénia:

O cinema português caminha, embora de vagar. Convém ampará-lo na fase de crescimento em que se encontra...

«Os portugueses desanimam, quando muito reprimem-se. Conservemos a justa medida, pois, aproveitando a oportunidade para marcar o nosso lugar.»

A tal respeito lê-se em «Animatógrafo»:

«O cinema necessita mesmo de uma constante renovação de energias e valores. Mas essas energias e essas energias têm de ser recrutadas nas camadas novas...»

«Estamos de acôrdo — para uma arte nova, gente nova. Como, porém, além do talento e da inspiração, é necessário uma educação preparatória, os nossos formulam esta pergunta:»

«Quando se fundará, em Portugal, um curso de cinegrafia?»

Há bastante tempo que se fala na reforma do Conservatório Nacional — reforma indispensável, a fim de que se acode, com espírito novo, à missão que lhe incumbem...

Palavras oportunas e sensatas, estas em que se começa por refrear certa fúria de demolição ou exaltação excessiva...

«Sétima Arte»

Mão amiga envia-nos um novo jornal português de cinematografia em que a defesa do Cinema Português encontra o mais amplo lugar.

Impresso em duplicador, a sua aparência modesta dá ao seu conteúdo um extraordinário relevo...

Os nossos agradecimentos e os nossos votos de longa e próspera vida.

Um mecenaz

Um bem intencionado comunica-nos que dispõe de certa quantia para o engrandecimento do Cinema Nacional...

Só temos um conselho a dar-lhe: gastá-lo em bilhetes dos cinemas onde se exibam fitas portuguesas.

Coincidência curiosa: o bilhete traz a data da estreia de «Lobos da Serra», 23 de Fevereiro de 1942.

Aviso aos Incautos

O bi-semanário que o nosso director se viu forçado a chamar aos tribunais para responder pelo crime de abuso de liberdade de imprensa...

Devemos portanto esclarecer que não imputamos em justiça uma só frase de tal crítica ou pseudo-crítica...

Mas o mais espantoso é que, depois de se insultar publicamente o queixoso, em letra de fôrma, se tem o desplante de escrever o seguinte:

«...qualquer alusão desabonatória da dignidade pessoal do sr. A. L. R. nem a escreveríamos nem consentiríamos que alguém a escrevesse nas colunas deste jornal.»

On aura tout vu!

Mais surpresas

Também não deixa de ser surpreendente o último artigo da campanha contra a Produção António Lopes Ribeiro que se publica em «Os Ridículos»...

«E a fotografia traz o seguinte título: Os realizadores do esperanças filmo «O Costa do Castelo» não desprezam a companhia de «Os Ridículos».

Cada um come do que gosta.

«ANIMATÓGRAFO» EM HOLLYWOOD...

A Loja da esquina ou o LUBITSCH K. O.

pelo nosso «enviado especial» A. de Carvalho Nunes

Ainda hoje não sei ao certo se o Lubitch é que foi buscar para a fita o nome da loja do Jack Hall ou se este, aproveitando-se dum êxito de ocasião...

Estes «drag-stores» são a tradução, mais ou menos correcta e com certeza aumentada, das «vendias» ou «chavanezas» das terras de província...

Apesar de toda esta variedade, ao lado da «Loja da Esquina» as outras já não são mais que desoladas paisagens lunares. Peço com muito interesse que não levem a mal ter o Jack Hall abandonado a vaga mas cativa posição de agente artístico...

Decerto que não se trata de nenhum palácio das mil e uma noites, mas há quem diga que é o único lugar de Hollywood onde a gente não se aborrece.

Com efeito o Jack não abriu uma loja, montou um espectáculo, e eu só queria que dessem cá uma saltada alguns comerciantes de Lisboa que armam tenda em verdadeiros jazigos de família...

As montras são a cortina que logo prende a atenção do peão apressado. Numa grande ardósia vão-se inscrevendo, no decorrer do dia, as flutuações de valor dos artistas mais cotados...

Embora o maroto do Jack afiance que pega sempre no giz com os olhos postos na Arte (menina muito assediada, de belas formas, e sem domicilio certo), desconfiado de tal intenção...

Ultimamente entrou para esse singular quadro de honra o nome de Buster Keaton, mas o título «Pamplinas» sob de vagar de cotação, porque não há nada mais difícil para um artista do que recuperar o favor que algum dia perdeu junto do público...

As notícias do dia, sempre frescas, sob

todos os pontos de vista, são afixadas à porta para gráudio da população, que só vive do cinema e para o cinema.

Reproduzo as de ontem: «Depois de «Tudo isso e o Céu também», as empresas vêm-se na eméncia de fechar as portas, visto a matéria ficar assim esgotada.

Como recurso, a Metro resolveu adaptar à tela «O Inferno» de Dante. Logo que soube do projecto, a Paramount encomendou o argumento para uma obra grandiosa — «O Purgatório».

A direcção do Aquário de Los Angeles ofereceu a Betty Grable um bilhete de livre trânsito.

Continua sem emprego um interessante mancoço recém-casado com um jovem artista que canta como um canário e faz covinhas na cara quando ri.

No arquivo municipal da cidade do Texas foram encontrados documentos que levam à identificação da verdadeira personalidade do Bel Tenebroso.

«RAZA»

(Conclusão da 1.ª página)

até à vitória redentora do ideal e das armas nacionalistas na campanha de 1936-39. O argumento, que aparece assinado por Jaime de Andrade, acompanha a vida de uma família cujo chefe morre a commandar um dos navios destróicos pela esquadra americana em frente de Havana...

Se a planificação nem sempre é impecável, o desenho das personagens, a com-

para Cuba e o martirio dos monges numa praia catalã, por exemplo), a maneira como valorizou as figuras e deu densidade aos ambientes (prepara-se na cena do casamento, na atmosfera do «dancing» de Barcelona), a autoridade com que orientou actores e figurantes...

Um dos melhores elementos do filme está na interpretação, homogénea, segura, cheia de propriedade na distribuição e de acerto no desempenho.

A cabeça quero citar Alfredo Mayo, galã espantoso, actor extraordinário, possuidor de invulgar «presença». Mas todos os outros intérpretes são excelentes, desde os principais aos «secundários».

«Raza» impõe-se pela seriedade imensa de todo o seu conjunto e pela correcção de todos os seus nappes. A execução do filme está, sem dúvida alguma, à altura do tema ambicioso que nele é tratado. Sen-

A Crítica é frequentemente um rosário desvaído de louvores sem justificação, sem sentido e sem pudor; é, também, frequentemente, um rosário de facciosismo, de maledicência, de má-vontade, de segundas intenções escondidas.

Pelo contrário, é frequente a Crítica es-

ENTREVISTA com o professor Agostinho de Campos

(Conclusão da 1.ª página)

mo motivo, a acção nefasta das fitas estrangeiras está automaticamente limitada.

Prossiguinte, o Professor Agostinho de Campos abordou um aspecto importantíssimo do problema cinematográfico nacional:

«É fácil compreender que o cinema nacional tem de ser acessível às nossas massas populares. Suponho porém que essa necessidade não é incompatível com o objectivo educador e nacionalizador que deve procurar atingir.

O velho Gil Vicente, de todos os nossos autores o de intenção e alcance mais populares, — sabia misturar o sublime com o chulo, com o rústico, com o pastoril. O «popular» é sem dúvida uma tradição do teatro vicentino, e no entanto todo ele está cheio de intenções elevadas, superiores. Gil Vicente é o melhor modelo desse desejável casamento entre a intenção elevada do «fundo» e o carácter popular da «forma»...

Quer dizer: estou convencido que será possível fazer cinema nacional que preste, isto é, que possa combater com eficácia o cinema estrangeiro e a sua desnacionalização de toda a espécie — literária, psicológica, linguística, etc. — perigo que não pode nem deve ser ignorado nem esquecido.

Não quisemos importunar durante mais tempo o ilustre homem de letras. As suas declarações claras e perentórias, nos deixam qualquer margem a dúvidas sobre o seu pensamento. O que ouvimos do Doutor Agostinho de Campos, e que aqui transmitimos fielmente aos nossos leitores, deu-nos a certeza de que a nossa luta é justa e é útil e fortaleceu a nossa determinação de a continuar até ao fim.

— Com o prenúncio da primavera, chegam os primeiros calores. — Boletim de saúde: a Hedy Lamarr continua boa. — E tempo de entrarmos. Jack Hall não se entretém atrás do balcão aparentando modo de colhida por parte dalgum mal intencionado...

A influência do meio faz-se sentir em todos os objectos expostos para a venda. Não há atributo da beleza que não tenha o nome duma estrela em voga. O «Sard Garbo» vende-se como cabela. Da Katharina Hepburn temos os trechos de vitrinas I, que a acreditar no Jack (n.º aconselhámos), desenvolve a inteligência; têm uma procura extraordinária.

Ainda não consultei um guia de turismo para visitar Hollywood em quatro horas, mas garanto que se alguém for a Hollywood e não perder a oportunidade de «Loja da Esquina» poderá escrever volumes sobre volumes acerca da cidade que não existe, mas não terá mais que descaçando o saboroso fruto.

Saber do Público Saber dos técnicos

gimir com a técnica obscura, com as razões que se apresentam como inaccessíveis ao público e capazes de justificar em todas as conclusões dogmáticas de quem escreve. E é frequente ouvirmos do Público bem intencionado, que lê as críticas e pretende fundamentar bem as suas razões, estas palavras preambulares das suas opiniões sobre um determinado espectáculo cinematográfico:

«Eu não perecebo nada de técnica, mas de Cinema, mas fui ver a fita e parecem-me que...»

Com este prefácio de timidez, destinado a salvaguardar qualquer opinião que chegue com a técnica, ouvimos falar em muitas as opiniões e os desconhecidos que depois de pedirem desculpa «às sumidades» apresentam as suas impressões e opiniões.

Ora a verdade é que o Público, nesses casos especiais e indirectamente, não tem nada que ver com a Técnica.

O Público gosta ou não gosta, ri ou não ri, recebe o Espectáculo ou qualquer obra de Arte. Seria impossível ao Público dominar a técnica da Música, a técnica das Literaturas, a do Teatro, da Escultura e da Dança. E, todavia, ao Público continua aberta a apreciação das obras de Pintura, de Música, de Dança, de Escultura, de Teatro, obras que recebem a sua cultura, a educação de público e a sua interpretação pelo indivíduo que a contempla ou pelo público que assiste.

Toda a obra de Arte ou Espectáculo resulta dum compromisso entre o Artista ou Artistas e a matiz que trabalharam para traduzir os seus sentimentos, mas só se completa com a sua percepção, a sua interpretação pelo indivíduo que a contempla ou pelo público que assiste. Para o caso dos espectáculos, a importância desta relação é fundamental e por isso uma peça de teatro representado ou uma fita, só são completas se a plateia que as assiste, que se emociona, que vibra e que lhe dá maior ou menor intensidade com as suas reacções.

«Este momento, a esta relação que se estabelece entre a obra e o Público a criação, o efeito que a obra consegue.

A Técnica pertence só ao primeiro momento que referimos, pertence à relação do Artista com a Obra, durante a criação. Para conseguir os efeitos ou formas que julga convenientes o Artista emprega os seus conhecimentos técnicos. Mas só para conseguir os efeitos ou formas que pretende, os efeitos psicológicos as formas emotivas. É por isso que a obra destinada apenas a fazer estupefactos de grande técnica, de maravilhas técnicas seria um disparate, uma inferioridade sem nome. É por isso, também, que o artista, que melhor sabe usar dos segredos da sua técnica, esconde, com verdadeira pudor, os artificios de que se serve em melhores obras não aquelas em que o bilho, arrastado na receptividade da obra a emoção que ela produz, não se sabe da Técnica, mesmo que seja um cidadão.

Quando a Crítica, na apreciação qualquer obra, chama em seu auxílio a Técnica, se o fizer honestamente, é para explicar, perante os especialistas, o que perante o Público, as razões por que a obra está certa ou errada, ou, ainda, as razões porque determinado motivo pôde conseguir maior e mais completo efeito.

A boa técnica da crítica é exactidão e o saber usar com segurança, com...

(Conclui na 5.ª página)



Noutro momento do S. Luiz o Sr. Embaixador do Brasil, dr. Araújo Jorge, assiste à projecção de «Raza»

posição dos episódios, o recorte de toda a acção, a grande maioria dos diálogos, apresentam uma categoria surpreendente — a que não deve ter sido estranha a «supervisão literária» (como se diz nas legendas) de Manuel Aznar e Manuel Halcón.

A encenação foi dirigida por José L. Saenz de Heredia, que tem no filme várias provas de exame, todas merecedoras de boas notas e muitas dignas de distinção, sem favor. Note-se a forma como dominou as dificuldades de muitas cenas, o partido tirado das possibilidades expressivas de muitos momentos (a despedida do Comandante Churruca, à sua partida

te-se bem, ao ver este filme, que existem em Espanha actualmente dezasseis estúdios em laboração e que o cinema espanhol caminha para uma produção anual que roça já pela centena de filmes — isto é, sente-se que a Espanha tem já uma autêntica indústria cinematográfica.

E «Raza» trouxe-me ainda uma sensação imensamente agradável: o reconforto da sua autenticidade derivada da sua veracidade e da sua austeridade — e do desprezo por fórmulas e processos artificiais e estandardizados — e muito mais distantes e alheios à nossa personalidade, e ao nosso temperamento de peninsulares, de europeus, e de cristãos. — D. M.

A FÉLERA DAS FEITAS

A minha história

(Hold back the Dawn)

Um filme excelente, daqueles que aparecem muito raras vezes, mesmo naquele país onde a boa qualidade técnica se banalizou a ponto de serem necessárias obras como esta para justificar entusiasmo: *A Minha História*, título feliz, com que se traduziu o sibilino epigrafe original.

Filme americanizante, *à l'entree*, da mais aberta propaganda à «porta de oiros» de Jefferson; mas tratado em tons tão puramente americanos que realiza obra nacionalista, e portanto profundamente respeitável, do ponto de vista do país produtor, como é bem natural que outro não seja.

Serve-o um argumento da maior originalidade, completamente inédito em cinema: a expectativa dos emigrantes que aguardam na fronteira mexicana a sua admissão nos Estados Unidos. E entre os hóspedes do simbólico «Hotel Esperanças» surge o aventureiro sem escrúpulos que, para forçar legalmente o visto que lhe negaram, não hesita em casar com a mais pura e ingénua das professoras, almazinha bem formada numa pacata cidade provinciana, fingindo uma paixão relâmpago com que encandeia o pobre passarinho inexperiente.

Mas o Cinema prossegue afanosamente o apoteolado amoroso que a Literatura não se cansou de pregar durante séculos: a demonstração de que nada é mais forte que o amor. E *A Minha História* junta mais uma linda pedra a esse eterno momento ao deus vendado, sobrepondo, sem piéguas e com invulgar elevação moral, a tantas outras pedras piegas e imorais que o desacreditam e deformam.

O realizador Mitchell Leisen, que desde a deliciosa *Meia Noite* (com Claudette Colbert e Don Ameche) nos dera a medida das suas possibilidades, ultrapassa toda a expectativa, guiando-se à melhor posição entre os narradores por imagens.

Porque um dos mais sólidos méritos do filme é a prodigiosa forma de narrar, aquela mesma que Orson Welles tentou em *Citizen Kane* por processos escotísticos, e que em *Hold back the Dawn* nos aparece simples, despida de confusões e subterfúgos, clara e fresca como água corrente.

Na interpretação, há que dizer-vos que nunca gostámos muito de Charles Boyer, nem mesmo em *Ele e Ela*, nem mesmo em *Tumbalos*. A sua autoridade de «sedutor» impõe-se como inevitável, tanto mais que se não pretendeu impingir por fidalgo quem tem tipo de *dansour montain*.

Olivia de Havilland, que sempre nos aparecera bela e cândida, transcede aqui em beleza, e em candura — e em talento, o que é mais dir-se-ia que a espicacaram os êxitos da irmã, Joan Fontaine detendo a *Oscar* de 1941. Olivia surge-nos agora como uma autêntica atriz, talvez como o melhor génio dramático do mundo (Ginger Rogers tem sempre um fundo *flapper*, e Joan Fontaine um fundo *sophisticated*). Em todas as suas cenas, Olivia vence — e convence. Um grande bravo!

Paulette Goddard, cada vez mais tentadora, representa como já é natural vê-la representar. A sua «Ánita» tem toda a fogosa *emulterie* requerida pela personagem. E o seu corpo de deusa movimentada-se com tão nítida elegância, que deixa a perca de vista todos os *glamour*, *omphs* e *deus* da Lamarr, Sheridan & Co.

Walter Abel revela-se excelente no agente da emigração, Victor Francen surge-nos imprevisivelmente num pequeno papel que ilustra bem o seu caso americano: um estrangeiro, na bicha, à espera de *rez...*

E todos os mais (destacando o assombroso mecânico que odeia os alunos de Miss Brown) afinam por tão alto diapásio, que a interpretação ganha o céu sem empenhos.

Notáveis de pitoresco bem aproveitado, em lambidinhas nem esquisitices, sem primo tomado por lirismo, as cenas na aldeia mexicana, em que a cerimónia religiosa da bênção dos noivos é tratada com respeito de circunstância que nem sempre se vê nos filmes *made in U. S. A.*

Se Mitchell Leisen não é católico — parece. — A. L. R.

Assim, tecnicamente, o filme é bom, e ninguém diz menos disso. Bette Davies empresta o seu enorme talento à mais ingrata das personagens que tem interpretado. Charles Boyer (que fez bem em abandonar a nacionalidade francesa depois deste serviço que lhe prestou), está errado na distribuição: Prasilin era um fracasso, e Boyer nunca nos dá essa impressão; mas compensa com o seu valor interpretativo o desacerto do papel. O pequeno e as raparigas, principalmente a mais velha é feiçalinha, escolhida de propósito para que Bette chegue a parecer linda ao pé dela — representam como gente grande.

Não ignoramos que o esmalte sentimental que recobre o folhetim elimina todas as tentações de raciocínio. O nosso público não gosta de pensar e isso defende-o de ser corrompido pelo mal, tanto quanto o impede de ser catequizado pelo bem.

Infelizmente, compreendemos o êxito. Mas, felizmente, em nossa consciência, não o podemos aceitar. — A. L. R.

Amor ou negócio? (Skylark)

A fórmula tem sido frequentes vezes empregada e resulta dum dos esquemas de conflitos que se tornaram clássicos, para a comédia moderna do cinema americano. Um marido, absorvido pela marcha dos seus negócios, arrisca-se a perder, por incuria, a esposa que o ama perdidamente, mas que, pouco e pouco, se desilude porque ele esquece o dia do aniversário do casamento, porque ele não a rodeia com as atenções que ela sente merecer, porque a submete a um sem número de trabalhos a aturar visitas que ela não suporta mas que são de importância fundamental para fechar os contratos. Com mais ou menos peripécias, o «terceiro» instala-se, provoca o susto do marido e promove a sua chamada às realidades, o seu novo esforço para conquistar o amor da esposa, que julga perdido.

A construção dum espectáculo sobre uma intriga que o público habitual dos cinemas já conhece, em múltiplas variantes, corre o risco de se tornar monótona, quando mal feita, mas pode também apresentar aspectos curiosos, como espectáculo ligeiro e sem pretensões, quando é bem delineada, bem conduzida e bem recheada de situações, quando é, em suma, bem feita, como é o caso do presente «Amor ou Negócio» que agora vimos.

De um argumento feito por Allan Scott — escritor experimentado do género — sobre uma peça de teatro, e adaptado por Z. Myers, Mark Sandrich realizou uma fita agradável, risonha aligerada quase sempre, em cenas que oferecem boas possibilidades aos intérpretes, para darem largas ao seu saber de comediantes.

Impunha-se para isso, claro, que os intérpretes fossem capazes de corresponder. Para tal foram escolhidos a dedo, nem mais nem menos que Claudette Colbert, Ray Miland e Brian Aherne. São eles que vivem as personagens principais e a história desenvolve-se quasi só seguindo a sua actuação sendo, portanto, sempre bem interpretada e sempre seguida com interesse.

A única dúvida que pode, para nós, apresentar, o entender das atitudes das personagens reside só na compreensão das razões morais de certas situações, contra as quais uma moral diferente, felizmente, até, oposta da americana, reage, teimando em não as aceitar ou considerando-as só como exotismos curiosos. Toda «contradança de sentimentos, de ama — não ama da esposa, se sai com um e sai com outro, todas as explicações a três, tratadas como quem discute uma partida de cartas, um arrendamento de casa formam um importante contrapós para os sentimentos portugueses, importante para os que reagem contra ele e importante para os que ingenuamente aceitam a sua influência. Só contra essa atmosfera superficial estabelecemos as nossas reservas, sobre «Amor ou Negócio?» mas esta atitude não corresponde de maneira nenhuma a menos apreço pelas magníficas situações do filme, e pela interpretação e boa realização com que foram conduzidos.

Sallentamos, pelo seu magnífico traço de caracterização social a cena da discussão no «metro» a que os comparaas, Claudette e Ray Miland dão saboroso feito. Pelo trabalho de Claudette, merece também referência especial a cena da preparação do café, dentro do «cete», em que esta actriz argenta, seguido, num trabalho dos mais difíceis, feito só de marcação e de mímica, provocando constantes gargalhadas.

Do conjunto técnico certo e agradável é digno de menção especial, o trabalho de Hans Dreier que assina as decorações. — F. G.

Justo é dizer que Milton Krims, em colaboração com o próprio autor, preparou para a famosa obra um excelente «screen-play» e deu muita vida especialmente às cenas que vivem mais dos monólogos literários da principal figura do romance. Isso facilitou muitíssimo, com certeza, a tarefa de Edmund Goulding, director que nos parece já um pouco cansado de idade e envelhecido de processos.

Temos a impressão de que o filme teria melhorado bastante nas mãos de um Sam Wood, por exemplo. Todavia, há referências justas a fazer: o início da película (algumas centenas de metros bem medidos) feito em grande parte com a câmara em movimento; os episódios da declaração da Grande Guerra, as cenas do julgamento — são pedaços de cinema agradáveis.

É tempo de dizer alguma coisa sobre o trabalho de Paul Muni. Dos seus filmes, este é, sem dúvida, dos menos empolgantes. É uma espécie de «feriado» na série das suas grande criações como «Scarface», «Pasteur» e «A fúria negra». Sendo, como é, artista completo, perfeito, que, em qualquer modalidade, representa à altura das circunstâncias, sabendo muito bem o que faz, adivinha-se, no entanto, o seu esforço para se identificar com o carácter britânico do personagem. Percebe-se que ele está a fingir que é inglês. Robert Donat ou Ronald Colman decerto se sentiriam mais à vontade. E lembramos este último porque aquele «dr. Newcome» é um parente próximo daquele médico de «Arrowsmith», de Sinclair Lewis, que foi uma das suas corças de glória. Noutros papéis, destacam-se Flora Robson, uma das maiores atrizes dos palcos novaiorquinos; a figurinha galante de Jane Bryan, que deve ter aqui o melhor papel da sua carreira; e Uma O'Connor, como sempre na figura de uma criada antipática.

Antes de terminarmos, queremos chamar a atenção dos cinefilos para este pormenor curioso: repararmos na identidade de situações, de circunstâncias, de personagens, de reacções psicológicas que existe em «Nós não estamos sós» e «Tudo isto e o Céu também». Ambos os filmes retratam a vida de um casal, aparentemente feliz, mas, no íntimo, «desencontrados», dada a completa ausência de afinidades psicológicas. O filho, menino doente, de temperamento mórbido, sempre apavorado com os quartos escuros e os sonhos mais, pensando em leitões mortuários durante longas noites de insónia, é o grande motivo de discórdia. O pai trata-o com indulgência — a indulgência que o seu temperamento anormal require. A mãe, pelo contrário, com serenidade extrema, castigando-lhe, aumentando-lhe os complexos, tor-

turando-o por todas as formas a ponto do pequeno a odiar. Nem sequer, falta a terceira figura, que, no romance de Rachel Field é uma perceptora, e, no de James Hilton, é uma antiga bailarina que entra por caridade para o seio daquela família desencantada para o casamento. As cenas do julgamento completam e reforçam, ainda, essa semelhança que seria total, se não fôra a diversidade dos episódios — a história de James Hilton, tem um desenlace emocionante, mas lógico; enquanto que a de Rachel Field termina com uma meia felicidade de folhetim romântico. — A. F.

Saber do Público Saber dos técnicos (Conclusão da 2.ª página)

esta explicação técnica, sobre o saber dos técnicos.

O saber do Público nada tem que ver com o saber de Técnica. O começar por dizer «que não se percebe nada de técnica» não faz sentido porque o saber de técnica é obrigação dos técnicos que produzem as obras.

Que o Público precisa saber é como comportar-se como Público. O saber do Público, a sua técnica própria e exclusiva, é saber receber a obra de Arte, é saber assistir ao espectáculo. Dessa Técnica e dessa Arte difícil, de ser espectador é do Público deve cuidar, preocupando-se com a atitude que assume perante o espectáculo. Este, rico de modalidades e de aspectos apresenta muitos géneros de características diferentes, que vão da farsa à tragédia, da revista à ópera. Cada um dos géneros pode, ainda, variar indefinidamente no estilo, nos temas e nos objectivos.

O saber dos técnicos é realizar, ante cada género e cada modalidade a escolha da técnica conveniente e velar pela aplicação dos melhores recursos para cada situação.

O saber do Público, completamente diferente, é assumir a atitude correcta de receptor do espectáculo, não se comportando, evidentemente, perante uma comédia como se comportaria perante uma tragédia; é, embora com a mesma base de sentimentos, de gosto, de educação e de compreensão, não ver a Pintura como vê a Dança, não procurar ir onde se deve chorar, não querer a boa andada dentro da tragédia, nem o pensamento profundo onde se pretendeu criar o divertimento ligeiro.

FERNANDO GARCIA

As Três Barcas De Mestre Gil

Céu

O argumento, a planificação, a realização e a interpretação de «A MINHA HISTÓRIA», pelos seus altos méritos, ganham o céu sem empenhos. Que se gravem em letras de ouro, pelo seu trabalho neste filme, os nomes de MITCHELL LEISEN, OLIVIA DE HAVILAND e CHARLES BOYER.

O nome de BETTE DAVIES ganha invariavelmente o céu, mesmo quando se debate com personagem tão ingrata como a de Mademoiselle Delusie.

Céu

O quilate literário do argumento de «NÃO ESTAMOS SÓS», segundo o romance de James Hilton.

Ganham o Céu, no filme «AMOR OU NEGÓCIO?» pela sua graça de bom traço satírico, a cena do «metro» e, ainda a interpretação de Claudette Colbert, colossal na cena do iate.

As Três Barcas De Mestre Gil

Céu

O argumento, a planificação, a realização e a interpretação de «A MINHA HISTÓRIA», pelos seus altos méritos, ganham o céu sem empenhos. Que se gravem em letras de ouro, pelo seu trabalho neste filme, os nomes de MITCHELL LEISEN, OLIVIA DE HAVILAND e CHARLES BOYER.

O nome de BETTE DAVIES ganha invariavelmente o céu, mesmo quando se debate com personagem tão ingrata como a de Mademoiselle Delusie.

Céu

O quilate literário do argumento de «NÃO ESTAMOS SÓS», segundo o romance de James Hilton.

Ganham o Céu, no filme «AMOR OU NEGÓCIO?» pela sua graça de bom traço satírico, a cena do «metro» e, ainda a interpretação de Claudette Colbert, colossal na cena do iate.

Purgatório

O filme «TUDO ISTO E O CÉU TAMBÉM», que apesar de ter o céu no título já mais o alcançaria por nossas mãos, expia neste lugar as suas pestilências *quarante-huitares*, livrando-se do Inferno cinematográfico pelos seus méritos técnicos e artísticos, e ainda pela presença do «anjo» Bette Davies.

Os processos antiquados de Edmund Goulding na realização de «Nós não estamos sós».

Purgatório

Só a U. R. S. S. instituiu uma escola oficial de cinematografia, a G. T. K. (Instituto Técnico de Cinema), com um engenhoso plano de disciplinas, e cursos especiais para cada caso: realizadores, operadores, actores, etc. Mas não foi de lá que saíram os Eisenstein, nem os Pudovkine, nem os Doujenko, nem os Tisse, nem os Dziza Vertov. E demais sabemos nós o gosto dos soviets pelo ensino «simples», democratizado, seriado e anodino, para desejarmos que tão nefasto método se estenda onde felizmente ainda não chegou.

Inferno

Os sentimentos superficiais e a moral, para nós incompreensível, que inspira a acção de «AMOR OU NEGÓCIO?» merece a nossa condenação aos fogos infernais.

Não fôra a intervenção pomposa e exibicionista de Abel Gance com todo o seu «esquematismo» e «PARAÍSO PERDIDO» obteria melhor lugar.

MESTRE GIL

O ensino do cinema

(Conclusão da 1.ª página)

Só a U. R. S. S. instituiu uma escola oficial de cinematografia, a G. T. K. (Instituto Técnico de Cinema), com um engenhoso plano de disciplinas, e cursos especiais para cada caso: realizadores, operadores, actores, etc. Mas não foi de lá que saíram os Eisenstein, nem os Pudovkine, nem os Doujenko, nem os Tisse, nem os Dziza Vertov. E demais sabemos nós o gosto dos soviets pelo ensino «simples», democratizado, seriado e anodino, para desejarmos que tão nefasto método se estenda onde felizmente ainda não chegou.

Além do que, seja-nos permitido duvidar da viabilidade de tais instituições por veículo oficial. Se o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema chegou a inaugurar um simples curso de projecção, e nem para esse obteve a necessária autorização?

É que o Cinema ainda não conseguiu convencer certas esferas da sua importância, embora tenhamos o prazer de vermos muitos dos seus mais altos representantes freqüentarem com assiduidade as salas escuras.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

"MALVALOCA"

um filme espanhol produzido pela Cifesa com **ALFREDO MAYO e Amparito Revelles**



Alfredo Mayo

Perojo fez da famosa Zarzuela de Breton, «Morena Clara», o maior êxito comercial do cinema espanhol, «La Dolores» premiada pela Bienal, «Nobleza Baturra», «La Gitanilla», «Boys», «Es mi hombre», «La canción de Aixa», Mariquilla Terramoto, etc.

A Cifesa, que ultimamente produziu entre outros o filme de elevado nível artístico intitulado «Sarazate» biografia cinematográfica do célebre músico espanhol em que Alfredo Mayo, neste momento o mais popular galá de cinema do país vizinho, e a vedeta italiana Margarita Casullo foram as primeiras figuras, vai agora produzir um novo filme, que tem por título «Malvaloca» e é tirado duma

peça popular de teatro espanhol, de que aliás foi já, há anos, feita uma primeira versão.

Interpretam «Malvaloca» a jovem vedeta Amparito Revelles, filha da grande actriz de teatro Maria Fernanda Ladrón de Guevara, Alfredo Mayo, Rosita Yarza que foi a primeira figura feminina de «El Hombre que se quis matar», recentemente estreado, e Manuel Luna.

A propósito diremos que Alfredo Mayo e Amparito Revelles estão noivos. «Malvaloca» será, por isso, uma espécie de transposição para a tela dum romance de amor da vida real, e de que neste momento se fala muito nos meios cinematográficos espanhóis...

NA ARGENTINA

produzem-se filmes em grande escala

O cinema argentino é, de há muito, o mais importante, aquele que atingiu maior desenvolvimento em toda a América do Sul. Enquanto que no Brasil ou no Chile, a indústria cinematográfica não conseguiu ainda o grau de incremento e as características de continuidade indispensáveis para a sua produção ser tomada a sério e em devida consideração, o filme argentino goza já de uma preponderância e de um nível perfeitamente invejável para qualquer país que esteja fora do âmbito dos grandes centros produtores da América da Europa.

Ainda recentemente, em notícia desen-

volvida que «Animatógrafo» publicou, se pôs na presença do leitor a importância e o desenvolvimento adquirido pelo cinema argentino, já pelo número de empresas produtoras, quer pelo valor numérico representativo da respectiva produção.

Hoje de novo vamos indicar novos títulos, fazer referência a muitos filmes em realização nos estúdios de Buenos Aires.

Catrano M. Catrani, realizador dos de maior actividade do seu país, está dirigindo o filme «El Último Piso» de que são intérpretes Miguel Gomez Bao, Aida Alberti e Alfredo Jordan. Carlos Borcasque, outra figura de relevo do cinema ar-

EM FRANÇA

Marcel Carné, dirige Marie Déa no filme «Le Trouble Fête»

Dentre a nova camada do cinema francês, o realizador Marcel Carné é uma das figuras mais justamente respeitadas e admiradas, mereço do nível da sua obra, demonstrativa dum talento pujante e duma personalidade vencedora.

Marcel Carné, que foi durante alguns anos assistente de Jacques Feyder, começou por dirigir filmes documentários, de que é tipo o seu «Nogent Eldorado du Dimanche», «Jenny» é o seu primeiro filme de grande metragem, seguido de «Drôle de Drame», uma obra que, se não era completamente «reussi», tinha no entanto o mérito de procurar sair fora da vulgaridade, onde a fantasia mais desenfreada se aliava a um entreccho de aspecto policial, cheio de precisão e de enigmático desenvolvimento, qualidades indispensáveis a toda a obra do género. Ver depois o seu grande êxito, uma obra de mérito excepcional que o consagra definitivamente não só em França como internacionalmen-

te — o seu celebrado «Quai des Brumes» uma obra perfeita, impecável, em que todos os elementos — realização interpretativa, fotografia — resultaram notavelmente. Nêle tem Jean Gabin a maior criação da sua carreira, como foi nele que se revelou uma actriz de invulgares aptidões — Michèle Morgan. Eugène Schuffan e consagrado operador que há meses viveu entre nós, serviu por sua vez, «Quai des Brumes» com uma fotografia que causou sensação entre os técnicos americanos. «Hotel du Nord», exibido a época passada, é o seu último filme feito antes da guerra.

Agora, Marcel Carné dirige em Paris um novo filme feito sobre um «scenario» de Jacques Prevert, um dos melhores especialistas do género e de Pierre Laroche.

Intitula-se «Le Trouble Fête», e da sua interpretação fazem parte Marie Déa, que foi a «partenaire» de Maurice Chevalier no «Mistério das Onze Desaparecidas», e interpretou há pouco «Premier Bal», e quem se depositam hoje em França as maiores esperanças, Ariette, que na sua «Madame Sans Gêne» triunfou em toda a linha, Jules Berry, actor seguríssimo, o novo galá Jean Cuny, Fernand Ledoux Raun Bernari.

WILLY FORST

dirige «SANGUE VIENENSE» uma opereta com música de STRAUSS

Willy Forst é vienense, nado e criado na célebre capital austríaca, tendo na cidade do Danúbio passado grande parte da sua vida, nela fazendo teatro — antes de aparecer no cinema, o autor de «Mascaradas» foi um galá de nome nos palcos vienenses — aí se estreado como actor de cinema há uns bons doze ou quinze anos.

E o seu amor pela cidade que o viu nascer tem-se manifestado em todos os trabalhos cinematográficos, pois é em Viena que tem decorrido a acção dos seus filmes.

Na verdade, nem um só, pode dizer-se, fugiu à regra. Todas as produções em que tem interferido, quer sejam de aspecto histórico ou musical, melodramáticas ou dramáticas, a opereta, a comédia, a sátira,

todas, invariavelmente, se encontram situadas em Viena. Desde «Anjos sem Paraisos», o primeiro que, em 1930, dirigiu, até ao mais recente dos seus filmes, «Opereta», a cidade do Pratter e do Danúbio, tem sido o quadro do entreccho dessas obras.

Senão vejamos: «Mascaradas» essa autêntica jóia do cinema, obra mestra de Willy Forst, tem Viena como fundo, outro tanto sucedendo com «Mazurka Trágica», com «Alegrías», ou com «Segredo Ardente».

Mais uma vez esse propósito de Willy Forst de fazer passar os seus filmes em Viena, vai ter ocasião de se manifestar. Mais uma vez a opereta vienense vai ser posta na tela pela mão de Willy Forst, competente e compreensiva como mais nenhuma, talvez dentro de tal género, a que o seu «vienismo» sincero e entusiasta empresta excepcional autoridade.

Depois de em «Opereta» ter evocado a época de esplendor da opereta vienense, com Suppé e Millöcker, Willy Forst está agora dirigindo uma nova opereta cinematográfica, inspirada numa obra de Johann Strauss, das mais características e mais inspiradas do mestre incomparável dos ritmos ligeiros — «Sangue Vienense».

Em «Sangue Vienense» — o filme conserva o mesmo título da peça original — cuja acção decorre na época do famoso Congresso de Viena, a época em que, precisamente, decorria o famosíssimo «Congresso que Dança», aparecem como intérpretes o próprio realizador, como sucedera já em «Opereta», Maria Hobst, que foi também a principal intérprete deste último filme, Hans Moser e Theo Lugen, o conhecido cómico alemão.

«Wiener Blut» é uma produção Wien Film para a Tobis de Berlim.

gentino, que trabalhou já em Hollywood onde dirigiu, há anos, algumas versões espanholas de filmes americanos, realiza para Argentina Sono Film, a organização produtora mais importante da América do Sul, «Una Mujer de Teatro», tirado dum original de Carlos H. Petit. A Baires Film produz, por sua vez, o filme «Una Novia en Apuros», que John Reinhardt dirige, sendo intérpretes do filme cujo argumento é da autoria de Conrad Nela Roxio, Esteban Serrador e Alicia Barrie.

Luiz Cesar Amadori é o encenador da produção Sono Film «Professor Cero» com Pepe Arias, Maria Duval e Elena Lucena por vedetas, e a Efa terminou recentemente a produção «Peluqueria de Señoras», com Luiz Saudrini, nome categorizado do filme argentino, e Armanda Ledesma por protagonistas.

Delia Garces, Felisa Mary e Orestes Cavalligas são os intérpretes principais do filme que Alberto Zavala dirige com o título de La «Maestria de los Obreros», estando também o realizador francês Jacques Constant, que há dois anos viveu durante algum tempo em Portugal com sua mulher, a formosíssima e insinuante Marie Glory, a dirigir o seu primeiro filme argentino — uma comédia musical — que se intitula «Sinfonia Argentina», e que a Sur Art Film produz. Também na Generalcine está em produção «La Patagonia Trágica», adaptação cinematográfica da obra homónima de José Maria Gueneros.

Na Argentina existe também uma produção de desenhos animados já em interessante escala. Juan Oliva, o mais importante produtor de filmes do género, concluiu agora um novo desenho a que pôs o título de «Filepito Pistolero», baseado numa novela de A. Cazeneuve.

BENITO PEROJO

já está em Barcelona onde vai realizar dois filmes

BENITO PEROJO, o realizador espanhol que se encontrava em Lisboa e que devia embarcar no «Cabo de Buena Esperanza» com destino à Argentina, onde ia tratar de assuntos cinematográficos conforme oportunamente «Animatógrafo» noticiou, já está em Espanha onde vai realizar dois filmes para a Universal Ibero-Americana. Intitulam-se «Goyescas» e «Lola Montes» e terão Império Argentina como protagonistas.

ANN SHERIDAN

num filme com uma história de FRED NIBLO

Nos estúdios da Warner, que é título com toda a justiça, nos Estados Unidos como a primeira companhia produtora de filmes, e onde pontifica a figura excepcional nelvê na indústria do cinema que é Hal Wallis, que forma com Darryl Zanuck e David O. Selznick o triunvirato mais representativo e de maior categoria entre os chefes de produção responsáveis sobretudo com Darryl Zanuck, pela actuação total de duas grandes empresas — Warner e a Fox — está em produção um novo filme tirado duma obra do famoso novelista E. Burnett, o autor duma das obras de que foi tirado um dos mais im-



Ann Sheridan

táveis filmes produzidos no início do novo, o famoso «Little Caesar», de Edward G. Robinson fez uma criação extraordinária.

Intitula-se «Nobody Lives Forever» e se desenvolve um vigoroso conflito mático.

Interpretam o filme, para o qual Burnett e Fred Niblo Jor. fizeram adaptação cinematográfica, a bela Sheridan, em volta da qual a Warner há três anos, uma campanha de publicidade monstra, apresentando-a como para-sumo do «sex-appeal», a «comprador» excelência, e Humphrey Boggart magnífico actor, que foi o inescapável «Baby Face» de «Ruas de Nova York» que os produtores catalogaram nas suas sinistras dos seus heróis do crime.

Humphrey Boggart que veio de longe a par de actor desempenhava além as funções de assistente do operador, foi o intérprete dos seguintes apresentados recentemente — «They By Nights», «High Sierra», «Wagon at Nights», cuja acção decorre num ambulante e «Maltese Falcon».

F. M. Poggioli dirige para a Ata, sobre um «scenario» de Emilio Cecchi e Alberto Lattuada esse filme de que são intérpretes Maria Denis, figura de destaque na nova geração do cinema italiano e de quem ainda há pouco nos referimos ao seu último filme «Addio Giovanesi», Emma e Irma Gramatica, duas glórias da cena italiana que por várias vezes já prestaram o seu concurso ao cinema do seu país, Evi Maltagliati, Rina Morelli, Leonard Cortese, Elio Marcuzzo, Dhia Christiani, Jose Salinas, Giovanni Grassi, Duna Carens, Dora Biani, Guido Natari e Silverio Pisi.

O maestro Felice Lattuada é o autor da música do filme.

«SISSIGNORA» um novo filme italiano de grande intensidade dramática

Entre as obras literárias mais populares em Itália, de que «Promessi Sposi», recentemente adaptada ao cinema, é a mais alta expressão, conta-se o romance de Flavia Steno que tem por título «Sissignora», e cujo entreccho nos descreve a dramática história de uma jovem criadilha, vivendo num meio de egoísmo e de hipocrisia, e que aceita com iluminada humildade o próprio destino. Esta Impiada criatura, a quem gente cruel nega o direito de amar; sacrifica tudo para salvar um garoto.

É uma obra vigorosa, em que os motivos morais encontram uma acertada forma poética.

Notícias de INGLATERRA

- Para o Gainsborough Marcel Varnel dirigiu o filme THANK YOU, uma farsa interpretada por Arthur Askey, Richard Murdoch, Lily Morris, Moore Marriot e Graham Moffatt.
- FORTY THOUSAND HORSEMEN é uma produção australiana dirigida por Charles Chauvet com a colaboração do Departamento Australiano de Defesa e das Divisões de Cavalaria Australiana. São intérpretes deste filme, cuja acção decorre na outra guerra no deserto de Sinai, Grant Taylor, Betty Bryant, «Chips» Rafferty, Pat Twhill, Harvey Adams, Albert C. Winn, Kenneth Brampton Harry Abdy, etc.
- Burny Doyle, actor cómico de teatro que faz aqui a sua estreia no cinema, Betty Driver, Chili Bouchier conhecida vedeta do filme inglês, H. F. Malthy, Wally Patch, Gus Mc Naughton, Ruby Miller, Elliot Makebam e Gordon Mc Leod são os intérpretes da comédia musicada FACING THE MUSIC, cuja acção decorre em grande parte numa fábrica de munições.
- No filme COMMON TOUCH, de ambiente dramático, que o realizador John Baxter dirigiu para a Anglo-American, a música tem um lugar importante, nele tomando parte a London Symphony Orchestra, a orquestra de Carrol Gibbons, o grande pianista Marc Hamburg que executa o concerto n.º 1 para piano, de Tchaikovsky, e o organista Sandy Macpherson. Interpretam o filme Greta Gynt, Geoffrey Hibbert, Joyce Howard, Harry Westman, Edward Rigby, George Carney, Bransby Williams, John Londgen Jerry Verno, Percy Walsh, etc.